

acessível aos que penetraram o escuro mistério da Vida, no ressurgimento das reencarnações.

Hauptmann sacrificado na sua inocência, Harold Hoffmann com desprestígio político perante a opinião pública do seu país e Lindbergh, herói de um século, ídolo do seu país e um dos homens mais afortunados do mundo, fugindo de sua terra a bordo do "American Importer", onde quase lhe faltava o confôrto mais comezinho, como se fôra um criminoso vulgar, são personalidades interpeladas na Terra pela Justiça Suprema.

Nos segundos e nos espaços há uma figura de Argo observando tôdas as coisas.

No seu tribunal do direito absoluto a Têmis divina arquiteta a trama dos destinos de tôdas as criaturas. E só nessa Justiça pode a alma guardar a sua esperança, porque o direito humano, quase sempre filho da supremacia da fôrça, é às vêzes falho de verdade e de sabedoria.

Dia virá em que a justiça humana compreenderá a extensão do seu êrro, condenando um inocente. As autoridades jurídicas hão de se preparar para a enunciação de uma nova sentença, mas o processo terá subido integralmente para a alcada da equidade suprema. Debalde os juízes da Terra tentarão restabelecer a realidade dos fatos com os recursos de sua tardia argumentação, porque nesse dia, quando Bruno Richard Hauptmann fôr convocado para o último depoimento em favor do resgate de sua memória, o carpinteiro de Bronx, que os homens eletrocutaram, não passará de um punhado de cinzas.

Humberto de Campos

(Recebida em Pedro Leopoldo a de de 1936)

A ORDEM DO MESTRE

Avizinhando-se o Natal, havia também no Céu um rebuliço de alegrias suaves. Os Anjos acendiam estrélas nos cômoros de neblinas douradas e vibravam no ar as harmonias misteriosas que encheram um dia de encantadora suavidade a noite de Belém. Os pastôres do paraíso cantavam e, enquanto as harpas divinas tangiam suas cordas sob o esfôrço caricioso dos zéfiros da imensidade, o

Senhor chamou o Discípulo Bem-Amado ao seu trono de jasmins matizados de estrélas.

O vidente de Patmos não trazia o estigma da decrepitude como nos seus últimos dias entre as Espórades. Na sua fisionomia pairava aquela mesma candura adolescente que o caracterizava no princípio do seu apostolado.

— João — disse-lhe o Mestre — lembra-te do meu aparecimento na Terra?

— Recordo-me, Senhor. Foi no ano 749 da era romana, apesar da arbitrariedade de frei Dionísios, que colocou erradamente o vosso natalício em 754, calculando no século VI da era cristã.

— Não, meu João — retornou docemente o Senhor — não é a questão cronológica que me interessa em te argüindo sobre o passado. É que nessas suaves comemorações vem até mim o murmúrio doce das lembranças!...

— Ah! sim, Mestre Amado — retrucou pressuroso o Discípulo — comprehendo-vos. Falais da significação moral do acontecimento. Oh!... se me lembro... a manjedoura, a estréla guiando os poderosos ao estábulo humilde, os cânticos harmoniosos dos pastôres, a alegria ressoante dos inocentes, afigurando-se-nos que os animais vos comprehendiam mais que os homens, aos quais ofertáveis a lição da humildade com o tesouro da fé e da esperança. Naquela noite divina, tôdas as potências angélicas do paraíso se inclinaram sobre a Terra cheia de gemidos e de amargura para exaltar a mansidão e a piedade do Cordeiro. Uma promessa de paz desabrochava para tôdas as coisas com o vosso aparecimento sobre o mundo. Estabelecer-se um noivado meigo entre a Terra e o Céu e recordo-me do júbilo com que vossa Mãe vos recebeu nos seus braços feitos de amor e de misericórdia. Dir-se-ia, Mestre, que as estrélas de ouro do paraíso fabricaram, naquela noite de aromas e de radiosidades indefiníveis um mel divino no coração piedoso de Maria!...

Retrocedendo no tempo, meu Senhor bem-amado, vejo o transcurso da vossa infância, sentindo o martírio de que fôstes objeto; o extermínio das crianças de vossa idade, a fuga aos braços carinhosos da vossa progenitora, os trabalhos manuais em companhia de José, as vossas visões maravilhosas no Infinito, em comunhão constante com o vosso e nosso Pai, preparando-vos para o desempenho da missão única que vos fêz abandonar por alguns mo-

mentos os palácios de sol da mansão celestial para descer sobre as lamas da Terra...

— Sim, meu João, e, por falar nos meus deveres, como seguem no mundo as coisas atinentes à minha doutrina?

— Vão mal, meu Senhor. Desde o concílio ecumênico de Nicéia, efetuado para combater o cisma de Ário em 325, as vossas verdades são deturpadas. Ao arianismo seguiu-se o movimento dos inconoclastas em 787 e tanto contrariaram os homens o vosso ensinamento de pureza e de simplicidade, que êles próprios nunca mais se entenderam na interpretação dos textos evangélicos.

— Mas não te recordas, João, que a minha doutrina era sempre acessível a todos os entendimentos? Deixei aos homens a lição do caminho, da verdade e da vida sem lhes haver escrito uma só palavra.

— Tudo isso é verdade, Senhor, mas logo que regressastes aos vossos impérios resplandecentes, reconhecemos a necessidade de legar à posteridade os vossos ensinamentos. Os evangelhos constituem a vossa biografia na Terra; contudo, os homens não dispensam, em suas atividades, o véu da matéria e do símbolo. A tôdas as coisas puras da espiritualidade adicionam a extravagância de suas concepções. Nem nós e nem os evangelhos poderíamos escapar. Em diversas basílicas de Rávena e de Roma, Mateus é representado por um jovem, Marcos por um leão, Lucas por um touro e eu, Senhor, estou ali sob o símbolo estranho de uma águia.

— E os meus representantes, João, que fazem êles?

— Mestre, envergonho-me de o dizer. Andam quase todos mergulhados nos interesses da vida material. Em sua maioria, aproveitam-se das oportunidades para explorar o vosso nome e, quando se voltam para o campo religioso, é quase que apenas para se condenarem uns aos outros, esquecendo-se de que lhes ensinastes a se amarem como irmãos.

— As discussões e os símbolos, meu querido — disse-lhe suavemente o Mestre — não me impressionam tanto. Tiveste, como eu, necessidade dêstes últimos para as pregações e, sobre a luta das idéias, não te lembras quanta autoridade fui obrigado a despender, mesmo depois da minha volta da Terra, para que Pedro e Paulo não se tor-

nassem inimigos? Se entre os meus apóstolos prevaleciam semelhantes desuniões, como poderíamos eliminá-las do ambiente dos homens, que não me viram, sempre inquietos nas suas indagações?... O que me contrista é o apêgo dos meus missionários aos prazeres fugitivos do mundo!

— É verdade, Senhor.

— Qual o núcleo de minha doutrina que detém no momento maior força de expressão?

— É o departamento dos bispos romanos, que se re-colheram dentro de uma organização admirável pela sua disciplina, mas altamente perniciosa pelos seus desvios da verdade. O Vaticano, Senhor, que não conheceis, é um amontoado suntuoso das riquezas das traças e dos vermes da Terra. Dos seus palácios confortáveis e maravilhosos irradia-se todo um movimento de escravização das consciências. Enquanto vós não tinhais uma pedra onde repousar a cabeça, dolorida, os vossos representantes dormem a sua sesta sobre almofadas de veludo e de ouro; enquanto trazéis os vossos pés macerados nas pedras do caminho escabroso, quem se inculca como vosso embaixador traz a vossa imagem nas sandálias matizadas de pérolas e de brilhantes. E junto de semelhantes superfluidades e absurdos, surpreendemos os pobres chorando de cansaço e de fome; ao lado do luxo nababesco das basílicas suntuosas, erigidas no mundo como um insulto à glória da vossa humildade e do vosso amor, choram as crianças desamparadas, os mesmos pequeninos a quem estendíeis os vossos braços compassivos e misericordiosos. Enquanto sobram as lágrimas e os soluços entre os infortunados, nos templos, onde se cultua a vossa memória, transbordam moedas em mãos cheias, parecendo, com amarga ironia, que o dinheiro é uma defecação do demônio no chão acolhedor da vossa casa.

— Então, meu Discípulo, não poderemos alimentar nenhuma esperança?

— Infelizmente, Senhor, é preciso que nos desenganemos. Por um estranho contraste, há mais ateus benquistas no Céu do que aquêles religiosos que falavam em vosso nome na Terra.

— Entretanto — sussurraram os lábios divinos docemente — consagro o mesmo amor à humanidade sofradora. Não obstante a negativa dos filósofos, as ousadias da ciência, o apôdo dos ingratos, a minha piedade é inal-

terável... Que sugeres, meu João, para solucionar tão amargo problema?

— Já não disseses, um dia, Mestre, que cada qual tomasse a sua cruz e vos seguisse?

— Mas prometi ao mundo um Consolador em tempo oportuno!...

E os olhos claros e límpidos, postos na visão piedosa do amor de seu Pai Celestial, Jesus exclamou:

— Se os vivos nos traíram, meu Discípulo Bem-Amado, se traficam com o objeto sagrado da nossa casa, profligando a fraternidade e o amor, mandarei que os mortos falem na Terra em meu nome. Dêste Natal em diante, meu João, descerraráis mais um fragmento dos véus misteriosos que cobrem a noite triste dos túmulos para que a verdade ressurja das mansões silenciosas da Morte. Os que já voltaram pelos caminhos ermos da sepultura retornarão à Terra para difundirem a minha mensagem, levando aos que sofrem, com a esperança posta no Céu, as claridades benditas do meu amor!...

E desde essa hora memorável, há mais de cinqüenta anos, o Espiritismo veio, com as suas lições prestigiosas, felicitar e amparar na Terra a tôdas as criaturas.

Humberto de Campos

(Recebida em Pedro Leopoldo a 20 de dezembro de 1935)

OH! JERUSALÉM!... JERUSALÉM!

É possível a estranheza dos que vivem na Terra com respeito à atitude dos desencarnados, esmiuçando-lhes as questões e opinando sobre os problemas que os inquietam.

É lógico, porém, que os recém-libertos do mundo falem mais com o seu cabedal de experiências do passado, que com a sua ciência do presente, adquirida à custa de faculdades novas, que o homem não está ainda à altura de compreender.

Podem imaginar-se na Terra determinadas condições da vida sobre a superfície de Marte; mas, o que interessa, por enquanto, ao mundo semelhantes descobertas, se os enigmas que o assoberbam ainda não foram decifrados?

Para o exilado da Terra, não vale a psicologia do homem desencarnado. Tateando na prisão escura da sua vida, seria quase um crime aumentar-lhe as preocupações e ansiedades. Eu teria muitas coisas novas a dizer — todavia, apraz-me, com o objeto de me fazer compreendido, debruçar nas bordas do abismo em que andei vacilando, subjugado nos tormentos, perquirindo os seus logógrafos inestricáveis para arrancar as lições da sua inutilidade.

Também o homem nada tolera que venha infringir o método da sua rotina.

Presumindo-se rei na criação, não admite as verdades novas que esfacelam a sua coroa de argila.

Os mortos, para serem reconhecidos, deverão tanger a tecla da mesma vida que abandonaram.

Isso é intuitivo.

O jornalista, para alinhavar os argumentos da sua crônica, busca os noticiários, aproveita-se dos acontecimentos do dia, tirando a sua ilação das ocorrências do momento.

E meu espírito volve a contemplar o espetáculo angustioso dessa Abissínia, abandonada no seio dos povos, como o derradeiro reduto da liberdade de uma raça infeliz, cobiçada pelo imperialismo do século, lembrando-me de Castro Alves nas suas amarguradas "Vozes d'África":

*Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?
Em que mundo, em que estréla tu te escondes,
Embuçado nos céus?*

*Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde, desde então, corre o infinito.
Onde estás, Senhor Deus?*

Da Roma poderosa partem as caravanas de guerreiros. Cartago agoniza no seu desgraçado heroísmo. Públia Cornélio consegue a mais estrondosa das vitórias. Os cérebros dos patrícios ilustres embriagam-se no vinho do triunfo: e nas galerias sumptuosas, onde as águias simbolizam o orgulhoso poder da Roma eterna, lamentam-se os escravos nos seus nefandos martírios.

Os Césares enchem a cidade das Sabinas de troféus e glórias. Todos os deuses são venerados. Os países são